

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de S. Paulo

Class.: BIX-Quaruplitas

Data: 25/06/78

Pg.: 682

Uma festa de velhos inimigos

ESP-25.6.78

ELIANA LUCENA
Enviada especial

Duas tribos indígenas do Parque Nacional do Xingu, os kamaiurá e suiá, que no passado eram inimigas realizaram, esta semana, a festa do Javari, que não era comemorada entre os dois grupos há quatro gerações. Os suiá, que vivem ao Norte do Parque, fizeram uma viagem de vários dias, com outros líderes indígenas. Durante dois dias, todos reunidos eles viveram em clima de festa na aldeia kamaiurá onde se misturavam a correria das mulheres índias na preparação de beiju e cauim para os visitantes e a preocupação dos homens em caprichar ao máximo as pinturas corporais, feitas com urucum, tabatinga e carvão.

A festa reuniu dois grupos

que têm tradições bastante diferentes. Os índios suiá, antes de viverem dentro dos limites do Parque, tiveram muitos problemas com seringueiros e frentes pioneiras. Parte do grupo, contactado mais recentemente, reúne os sobreviventes heijós-de-pau, que logo após o contato, feito há menos de 20 anos, foram quase dizimados por uma gripe. Já os kamaiurá, que vivem no chamado Alto Xingu, desconhecem as pressões do mundo civilizado no que se refere a cobiça de suas terras e alimentam um tipo de vida despreocupada, na qual, além das tarefas de plantar roças e pescar, há uma infinidade de festas, como o próprio Javari, o Quarup, o Iamaricuma.

O Javari é um cerimonial desportivo que, segundo os antropólogos, funciona "como um mecanismo estabilizador das re-

lações intertribais por canalizar as tendências agressivas para uma expressão social e cultural de uma competição esportiva, simbolizando uma atividade guerreira". A disputa consiste no lançamento de flechas com pontas envolvidas em algodão e cera que só podem ser jogadas na região glútea dos lutadores. Os representantes de cada tribo se alternam no lançamento da flecha e o seu oponente tenta se proteger com um feixe de flechas colocado em sua frente, podendo, ainda desviar o corpo, sem no entanto tirar o pé do chão.

A disputa é simples e não demora mais de duas horas. No entanto, ela é cercada de um cerimonial impressionante que se inicia meses antes da festa. O chefe do cerimonial Kaimaiura o "pariá", realizou uma viagem até a tribo suiá e fez, formalmente, o convite para o Javari. Algumas semanas antes da festa teve início uma grande movimentação na aldeia anfitriã. Grande quantidade de mandioca foi colhida nas roças para a preparação do beiju — que é uma broa de mandioca — e da bebida cauim, também feita de mandioca. Os homens fabricaram as flechas especiais com a ponta arredondada e macia para não ferir os índios convidados.

Os kamaiurá contaram que nem todas as tribos têm respeitado estas normas de combate. Os kalapalo, que também vivem no Alto Xingu, segundo eles, costumam colocar pedaços de metal na ponta, causando ferimentos profundos nos adversários.

De acordo com o ritual do Javari, a tribo convidada não pode se instalar dentro dos limites da aldeia anfitriã. Os suiá quando chegaram à aldeia dos kamaiurá montaram o seu acampamento no meio do mato. Enquanto um dia antes do combate os kamaiurá treinavam em um boneco de palha o arremesso das flechas, de dentro da mata ecoava o canto dos suiá, um lamento entoado com grande harmonia.

Na aldeia, os kamaiurá, um de cada vez, chegavam batendo com os pés no chão até uma distância de dois metros de um boneco de palha, e provocaram o inimigo falando sempre o nome de culucf, o chefe suiá. O boneco, com braços e cabeça de palha ostentava ainda uma bolsa a tiracolo, detalhe interpretado pelo diretor do Parque do Xingu, Olímpio Serra, como a representação de um outro inimigo do índio: o homem branco. No dia que antecedeu a luta, o chefe kamaiurá Takuman, um dos pajés mais respeitados do Xingu, passou parte da noite entoando cantos religiosos ao lado de outros chefes mais idosos.

Nessa mesma noite, os suiá visitaram rapidamente a aldeia. Dançaram e depois o grupo ouviu do chefe da caça e pesca e do chefe de aldeia kamaiurá as regras do jogo, inclusive as recomendações para não ferirem os adversários.

De manhã, começou a disputa propriamente dita. O "pariá" kamaiurá dirigiu-se sozinho até o acampamento suiá, retornando em seguida ao centro do pátio, apenas com as mulhe-

res dos convidados. Ele puxava pelas mãos as mulheres dos chefes que foram acomodadas próximo ao local da luta. Poucos minutos depois chegaram os suiá, ornados e pintados, e usando calções, ao contrário dos kamaiurá que estavam nus. Cantaram e dançaram, jogaram flexas no boneco de palha, repetindo, assim como os kamaiurá o nome dos adversários.

Para a luta, inicialmente, cada adversário se coloca a uma distância, um do outro, de 50 metros. As primeiras flexas são lançadas — alguns índios usam propulsores — e ninguém acerta o alvo. Em seguida, os índios quase se misturam, deixando entre os dois adversários apenas um corredor com uns quatro metros de largura onde tem início uma disputa quase cara a cara. Os golpes são violentos, alguns índios chegam a cair e algumas flechas se quebram.

Os primeiros golpes decidem a partida. Venceram os kamaiurá. No entanto, a disputa prossegue por quase duas horas e os suiá reagem conseguindo acertar mais os kamaiurá. No final da disputa, os kamaiurá haviam acertado 29 vezes o adversário e os suiá 32, em meio a uma grande torcida. Durante a luta chegou a ser improvisado um juiz, o chefe dos iaualapití, Canato, convidado para assistir à cerimônia.

Terminada a disputa, em que nenhum índio saiu ferido, num exemplo para os "caraibas" — como o índio xinguanu chama o civilizado —, as mulheres kamaiurá saem das diversas malocas que compõem a aldeia, trazendo beiju e cauim. Todos bebem e comem. Em seguida, vão se banhar na lagoa sagrada de Ipavu.

Durante a festa houve confraternização entre todos os chefes presentes. Rauni, chefe txucarramãe que também foi um antigo inimigo dos índios do Alto Xingu, hospedou, na maloca de Tacuma, o chefe Kamaiurá. Esta interação dos grupos xinguanos é vista com grande otimismo pelo diretor do Parque do Xingu. "Numa época em que os índios estão sofrendo a ameaça constante das frentes de ocupação que se dirigem para a Amazônia — afirma Olímpio Serra — é importante que os índios do Parque estejam unidos."

O Xingu é uma das poucas áreas indígenas onde o problema de invasões indiscriminadas ainda não atingiu um ponto crítico. Apenas ao norte o Parque foi cortado pela estrada BR-080, a Brasília-Manaus, mas os próprios índios, por influência dos ex-dirigentes do Parque, os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas, e agora de Olímpio Serra, não frequentam a estrada e prometem atacar qualquer fazenda que se instale nos limites de sua reserva.

Com a constante troca de informações entre esses grupos, o Parque, cada vez mais, embora seja constituído por um mosaico de culturas indígenas, está se transformando em nascedouro de uma cultura xinguanu. O próprio Javari, por exemplo, foi introduzido pelo grupo trumai que vive no Alto Xingu. Hoje, outros grupos aprenderam a mesma luta, e todo o cerimonial dessa disputa desportiva.

São diversas as línguas faladas no Parque, por isso é comum a presença de índios políglotas. Especialmente os mais jovens, falam a língua de seus pais — muitos casais pertencem a tribos diferentes — entendem o português e a língua de outros grupos com os quais convivem.

Ao lado da língua, nota-se um grande interesse entre os índios pelo artesanato, hábitos e músicas das diversas tribos. No ritual do Javari, por exemplo, não eram os brancos que gravavam com mais insistência as canções, mas os próprios índios. Durante a noite elas eram reproduzidas e ouvidas com atenção. Essa manifestação é vista com otimismo pelos indigenistas demonstrando que, mesmo pedindo ao "caraiba" que lhe traga discos de Roberto Carlos e Odair José, o índio xinguanu aprecia sua própria cultura.